



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Escolinha de ginástica: a práxis na formação inicial em Educação Física

Ariadni Reis Jacob, Deonato Feltz Júnior, Vanessa Brito Candido

Resumo

O projeto da escolinha de ginástica para crianças foi criado no primeiro semestre de 2010 e conta com a participação de alunos da Licenciatura e Bacharelado do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, CEFD/UFES, como professores. O presente trabalho tem por objetivo relatar a implementação da escolinha de ginástica para crianças e mostrar a importância de um espaço de intervenção e reflexão na qual o ensino, pesquisa e extensão ocorrem de forma simultânea e articulada na universidade.

Introdução

Muitos são os motivos pelos quais os professores de Educação Física após a formação na graduação não se sentem preparados para desenvolverem aulas que abordem como tema a Ginástica. Em sua maioria, esses profissionais apontam que o déficit de sua formação para atuar com este conhecimento estaria na graduação, espaço de um aprendizado processual e que por alguma razão não aconteceu.

Neste sentido, um dos aspectos apontados para a não utilização da ginástica nas aulas de educação física é a falta de preparação dos profissionais, que dizem não possuir conhecimento suficiente para o ensino desta prática corporal, o que nos remete a uma contradição em relação à sua formação acadêmica visto que “[...] disciplinas gímnicas sempre fizeram parte da formação profissional do professor de educação física”. (Barbosa, 1999, p. 26 *apud* SCHIAVON, NISTA-PICCOLLO p. 38, 2006).

Entendemos que a formação acadêmica não é a única maneira de adquirir conhecimentos e o profissional deve estar sempre se atualizando com cursos de formação. No entanto, não excluimos a contribuição das universidades no que diz respeito a este déficit no âmbito educacional. Em relação a este assunto:



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

[...] o maior enfoque dado nos cursos de Graduação é para os aspectos relacionados ao treinamento dessas modalidades, ressaltando a técnica, o regulamento, o treinamento, o que estaria direcionando à atuação em clubes, junto a equipes competitivas e não à atuação na escola onde os aspectos pedagógicos deveriam ter mais destaque. (SCHIAVON, NISTA-PICCOLLO, 2006, p. 39 *apud* Souza, 2001)

Este enfoque além de dificultar o ensino-aprendizado da Ginástica nas aulas de educação física na escola, também prejudica o processo de aprendizado dos alunos de graduação que não tiveram contato anterior com as modalidades gímnicas, uma vez que eles não conhecendo a Ginástica, desde a sua História até os seus aspectos técnicos, terão dificuldades em ter um repertório de atividades e mesmo de reflexões acerca deste conhecimento.

Além do problema relativo à formação inicial, muitos professores justificam que não ensinam a Ginástica em suas aulas pelo fato de ser considerada uma prática perigosa, ocasionando acidentes em sua vivência. Outros professores não trabalham com a ginástica por não terem uma estrutura adequada nas escolas ou mesmo admitem não terem confiança no próprio trabalho (SCHIAVON, NISTA-PICCOLLO, 2006).

Sabemos que os acidentes tem uma propensão maior em ocorrer nas práticas corporais nas quais nos expomos às atividades que no cotidiano não realizamos com frequência, no caso da ginástica a inversão corporal é uma delas. Entretanto, se tomarmos algumas medidas buscando a segurança na prática da Ginástica teremos bons resultados, não prejudicando os alunos que querem aprendê-la.

Com relação aos materiais a serem utilizados nas aulas de Ginástica atualmente temos várias propostas de adaptações. As autoras Schiavon (2008) e Toledo (2009) apresentam algumas soluções para a superação da escassez de materiais e equipamentos para o ensino-aprendizado da Ginástica nas escolas. Entretanto, é possível também encontrarmos outras soluções para adaptação de materiais e equipamentos de Ginástica seja usando a imaginação ou mesmo pesquisando na internet.



No caso do trabalho que vimos desenvolvendo buscamos superar muitos destes problemas apontados tanto no que se refere ao desenvolvimento de propostas para o ensino-aprendizado da Ginástica na formação inicial dos professores de educação física, como na resolução dos problemas ligados a segurança e no uso de materiais não-tradicionais na abordagem da Ginástica. Neste caso a escolinha é um dos meios pelo qual os discentes podem pôr em prática a teoria aprendida e formar suas próprias idéias, tendo assim a oportunidade de ensinar e inovar em suas futuras aulas quando estiver concluída a graduação, podendo oferecer um ensino-aprendizado de qualidade sendo na escola ou em outro local fora do ambiente escolar como um clube, por exemplo.

Como tudo começou

As disciplinas denominadas “Atividades interativas de Formação” (ATIF) estão presentes no currículo do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, como componentes extracurriculares necessários para complementação da carga horária exigida. Dentre as ATIF's da grade curricular está a de Educação Física e Cultura Escolar I – O processo de ensino-aprendizado nas aulas de educação física escolar com ênfase na ginástica, ministrada pela Prof. Dra. Paula Cristina da Costa Silva.

Esta disciplina tem como objetivo tratar das questões relativas à cultura escolar e, especificamente, estudar os processos de ensino-aprendizado dos alunos no que se refere ao conhecimento ginástico. Inicialmente, a proposta era de refletir e intervir nas aulas de educação física em uma escola pública da região Metropolitana de Vitória. Entretanto, a professora da disciplina submeteu um projeto de extensão denominado Laboratório de Ginástica – LABGIN – no qual se previa o desenvolvimento de uma escolinha de ginástica e a formação de um grupo de Ginástica Geral junto ao Curso de Extensão desta Universidade. A criação deste laboratório seria fundamental tanto para os alunos da graduação que desejassem aprofundar o conhecimento sobre a



Ginástica quanto para aqueles que atuavam na escolinha, pois seria por meio do LABGIN que poderíamos ter uma vivência maior da ginástica e aperfeiçoar as acrobacias e elementos corporais, o que facilitaria na hora de ensinar às crianças.

Desta forma, os estudantes matriculados na disciplina foram consultados e logo foi decidido que eles participariam do projeto de extensão como professores na escolinha. Outro ponto bastante relevante é que da turma da disciplina quatro alunos são orientandos de trabalho de conclusão de curso da professora responsável e, desta forma, o trabalho de campo destes estudantes está ocorrendo neste ambiente. A escolinha também conta com os monitores que se dividem em três categorias distintas, que são: PAD, PID e ProEx-PIBEX¹, eles têm por função ajudar na elaboração dos planos de aula, na ocasião das reuniões com os alunos da ATIF, auxiliar a professora no decorrer das aulas ministradas à graduação e realizar atividades que lhe são propostas no período de monitoria relacionadas ao Projeto LABGIN ou às aulas de graduação.

Apesar de não ser uma escola formal; na escolinha de ginástica percebemos muitas características semelhantes àquelas vivenciadas no cotidiano escolar, como por exemplo, as diferenças socioeconômicas e culturais. Outro fator também prezado, pela professora responsável pela disciplina e pelo projeto de extensão, e que de certa forma se aproxima da rotina escolar são as discussões pedagógicas e didáticas com relação à organização, discussão, avaliação e desenvolvimento das aulas.

A escolinha de Ginástica

Os planos de aula para a escolinha são elaborados uma vez por semana durante a ATIF sempre as segundas-feiras das 14:00 as 16:00h. Há também nesta ocasião discussões sobre o desenvolvimento das aulas, nas

¹ PAD – Bolsa do Programa de Aprimoramento Discente, PID- Bolsa do Programa de Iniciação à Docência, ProEx- PIBEX- Bolsa de implementação e desenvolvimento das ações de extensão.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

quais são compartilhadas sugestões, experiências individuais e anseios dos universitários.

A escolinha conta com cerca de trinta crianças de 7 a 11 anos, sendo dividida em duas turmas no período vespertino, com duas horas de duração cada aula, duas vezes por semana, as quartas e sextas-feiras. A primeira turma apresenta uma quantidade maior de alunos em relação à segunda turma. As aulas são ministradas pelos alunos da ATIF as quartas-feiras no primeiro horário de 14 às 16hs e pelos monitores tanto no segundo horário das quartas, como nos dois horários das sextas-feiras.

A primeira turma por ter um número maior de alunos apresenta mais dificuldades no que diz respeito à atenção, dispersando-se durante as explicações das atividades que são desenvolvidas, gerando alguns problemas na execução do que é proposto pelos professores.

O objetivo da escolinha é inserir a cultura da ginástica sem a perspectiva da formação de atletas de alto rendimento. As modalidades gímnicas abordadas são Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim e Ginástica Geral. A maioria das aulas tem o caráter lúdico e utilizamos materiais alternativos e brincadeiras populares. Buscamos também no decorrer das aulas trabalhar algumas capacidades da criança como o ritmo, a força, a agilidade, entre outras.

Alguns alunos apresentam certa dificuldade em realizar os movimentos e outros nem tanto, mas com o avançar das aulas as dificuldades são transpostas e surge então a necessidade de que haja atividades diferenciadas e mais complexas.

Um dos aspectos observados durante as aulas é o desenvolvimento individual de cada aluno, isso porque cada indivíduo possui maneiras diferentes para responder ao processo de ensino-aprendizado. As características únicas de cada um são importantes para tais observações, as facilidades de uns não são presentes em outros, e em alguns casos as crianças ajudam os colegas que não conseguem realizar uma atividade.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Assim, se temos cada criança como um ser que apresenta suas próprias características e limites, não temos como referencial o alto rendimento. Os movimentos ensinados serão os mesmos, mas de forma básica para que, posteriormente, se alcance um grau maior de complexidade nos gestos ensinados. Assim, os ensinamentos devem ser graduais, respeitando os limites e progressos de cada indivíduo.

Considerações Finais

Apesar do pouco tempo de funcionamento da escolinha, podemos observar resultados positivos e que muito nos agrada. Com relação a nossa participação como alunos-professores podemos perceber o quanto o desenvolvimento da prática tem nos ajudado, a cada aula surgem novos desafios a serem superados e isso nos auxilia a pensarmos sobre nosso futuro profissional. Um fato importante a ser citado é que o objetivo da escolinha não é o de formar atletas, logo o processo de ensino-aprendizado não se torna maçante para as crianças, visto que as aulas têm como enfoque a ludicidade e, por tais aspectos, as crianças se sentem a vontade nas aulas e participam ativamente. Talvez isso seja um ponto positivo para que nas aulas tenha uma boa adesão entre os alunos, não sendo constatado ao longo do 1º. Semestre de 2010, um número grande de faltantes. O espaço tem se tornado para elas além de um ambiente onde se pode vivenciar a ginástica, também um local onde eles podem mostrar para os colegas e professores seus talentos e criatividade por meio das brincadeiras que são desenvolvidas.

Das modalidades ensinadas, a que apresentou mais facilidade no processo de aprendizagem foi a do Trampolim Acrobático. A forma como foi desenvolvida favoreceu o aprendizado das crianças. O trabalho se deu de diversas formas, o primeiro contato dos alunos com o Trampolim Acrobático foi de maneira simplificada, eles reproduziam o que era pedido da maneira que entendiam, o segundo passo foi o de ensinar a forma correta da execução dos saltos e a aterrissagem. No entanto, por mais que fosse descrita a maneira



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

correta ainda encontrávamos erros na maioria das crianças. Então, em uma das reuniões (aula) da ATIF, entramos em consenso de realizar filmagens dos saltos de cada criança e em outra aula reproduzimos os vídeos para que eles vissem os próprios erros e pudessem corrigir. Assim feito, dirigimo-nos a sala de Ginástica Artística, onde os alunos pulavam e os colegas em volta do Trampolim os corrigiam. Os alunos gostaram muito dessa idéia e o avanço nos saltos foi surpreendente (realmente maior que o esperado). Talvez, esse seja o motivo pelo qual o Trampolim Acrobático apresentou maior desenvolvimento durante as aulas desse primeiro semestre.

Na GA os elementos mais trabalhados foram os de solo. Ao início das atividades a perspectiva era que os elementos mais comuns como, estrelinha e rolamentos, não fossem de difícil execução por parte das crianças e que elas já tivessem certa familiaridade em realizá-los, o que não ocorreu pois, nas primeiras observações notamos que em sua maioria os alunos não conseguiam desenvolver tais tarefas com precisão ou demonstravam algum receio.

Na GR o enfoque foi dado às brincadeiras de ritmo e manipulação de aparelhos, as crianças vivenciaram a manipulação de cada aparelho desta modalidade juntamente com as posturas que estão presentes nas composições coreográficas de GR., não sendo cobrada da criança uma alta performance ao final de cada aula.

A GG foi desenvolvida ao final do semestre e resultou em composições coreográficas que foram apresentadas aos pais em uma festa de encerramento das atividades. Importante destacar que as outras modalidades formaram a base para a GG, visto que nesta modalidade as crianças puderam unir todo o aprendizado das outras modalidades.

O trabalho neste primeiro semestre foi satisfatório para os alunos da graduação que se encontram inseridos neste processo, pelo fato de contribuir com a formação acadêmica, visto que é um momento onde a práxis pode ser desenvolvida. Percebemos neste início do segundo semestre que as crianças gostaram dos resultados, pois em sua maioria retornaram à escolinha. Na



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

continuação do projeto a ênfase será o aperfeiçoamento das técnicas, posturas e aprendizado de elementos corporais de maior complexidade em relação aos desenvolvidos até o momento.

Referências Bibliográficas

- PORTAL ELETRÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <http://portal.ufes.br/>. Acesso em: 25 de ago. 2010.
- SCHIAVON, Laurita Marconi. Materiais alternativos para a Ginástica Artística. In: NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma L. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2008.
- SCHIAVON, Laurita M.; NISTA-PICCOLO, Vilma L. Desafios da ginástica na escola. In: MOREIRA, Evando C. **Educação Física Escolar: desafios e propostas II**. Jundiaí: Fontoura, 2006, pp. 35-60.
- TOLEDO, Eliana. Fundamentos da Ginástica Rítmica. In: NUNOMURA, M; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009, pp.143-172.